

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
POR UMA CANÇÃO
5 e 19 de Agosto de 2021

STRANGER THAN PARADISE / 1984

(Para Além do Paraíso)

um filme de **Jim Jarmusch**

Realização: Jim Jarmusch / **Argumento:** Jim Jarmusch, baseado numa ideia sua e de John Lurie / **Direcção de Fotografia:** Tom DiCillo / **Música:** John Lurie / **Canção:** "I Put a Spell on You", de e por Screamin' Jay Hawkins / **Som:** Greg Curry, John Auerbach e Melody London / **Montagem:** Jim Jarmusch e Melody London / **Interpretação:** John Lurie (Willie), Richard Edson (Eddie), Eszter Balint (Eva), Cecillia Stark (tia Lotte), Danny Rosen (Billy), Rammellzee (homem com o dinheiro), Tom DiCillo (empregado no balcão do aeroporto), Richard Boes (operário), Rockets Redglare, Harvey Perr e Brian J. Burchill (jogadores de poker), Sara Driver (mulher com o chapéu), etc.

Produção: Cinesthesia Productions, Grokenberger Film Produktion, Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF) / **Produtor Executivo:** Otto Grokenberger / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, falada em inglês (e húngaro) com legendas em português, 86 minutos / **Estreia em Portugal:** Quarteto, a 13 de Julho de 1985.

Permanent Vacation fora uma espécie de exercício de fim de curso, rodado para a escola de cinema novaiorquina que Jarmusch frequentara. A inesperada carreira internacional desse filme, com passagens notadas nos festivais de Mannheim e de Berlim, teve o condão de convencer Jim Jarmusch de que podia fazer uma carreira como realizador de cinema (contrariando a mais que tépida recepção da própria escola ao seu primeiro filme) e, simultaneamente, de lhe abrir a porta para fontes de financiamento relativamente exóticas, tratando-se, como se tratava, de um cineasta americano sem outro currículo para além de um filme de fim de curso. O encontro com o produtor Otto Grokenberger foi determinante na carreira de Jarmusch (que, em **Night on Earth**, "ofereceu" o nome Grokenberger à personagem interpretada por Armin Mueller-Stahl), mas o nosso cineasta já se cruzara com a "pista alemã" anos antes, quando ele, que era assistente de Nicholas Ray na escola, acabou por na prática trabalhar também como assistente de Wim Wenders durante a rodagem de **Lightning over Water**. Ora, como Jarmusch conta, **Stranger than Paradise** nasceu de "cinquenta minutos de película a preto e branco" que Wenders não usara em **Der Stand der Dinge** e lhe ofereceu. Com essa metragem oferecida começou Jarmusch por rodar uma curta-metragem, apresentada em 1982, já com o título **Stranger than Paradise**. Mais tarde, e garantido, junto de Grokenberger, o financiamento necessário, Jarmusch "expandiu" a sua curta-metragem (que corresponde ao primeiro "capítulo", **The New World**, do filme que vamos ver) e assim apareceu, na sua forma definitiva, **Stranger than Paradise**.

Que é portanto um filme americano-alemão, protagonizado por personagens de origem húngara que vagueiam entre Nova Iorque, o Ohio e a Florida. Ainda que por razões algo

fortuitas (como vimos no parágrafo anterior), é a primeira manifestação cabal da “América heterogénea”, compósita, que tão cara é a Jarmusch (ele próprio oriundo de uma família com ascendência checa mais ou menos remota), da América como país “mais estranho do que o paraíso”, reflexo um tanto distorcido, mas não necessariamente obliterador, de tantas ideias míticas como o “sonho americano” ou a “terra das oportunidades” – e não necessariamente obliterador porque, embora aos ziguezagues plenos de ironia, **Stranger than Paradise** não deixa de falar de uma “terra das oportunidades”, onde se pode sobreviver com o dinheiro ganho ao poker ou nas corridas de cavalos, ou até enriquecer subitamente por se ser confundido com um “dealer”...

Independentemente dessas questões, **Stranger than Paradise** apresenta-se já muito próximo da mais depurada essência do cinema de Jim Jarmusch. A fotografia, claro, um preto e branco muito composto, muito granuloso e muito áspero, que passou à história como o “preto e branco Jarmusch” embora os directores de fotografia Tom DiCillo (aqui) e Robby Muller (em **Down by Law**) também tenham, obviamente, responsabilidade no registo da patente. Em **Stranger than Paradise**, de resto, o preto e branco é acentuado pelo “preto e branco” que Jarmusch faz existir antes da fotografia, os contrastes entre os ambientes claros e as indumentárias escuras, profusamente explorados na sequência de Cleveland, onde a neve está por todo o lado (magníficos planos, já que falamos de Cleveland, aqueles em que as personagens vão ver o lago Erie: não se vê nada para além de neblina e uma imensidão branca, mas eles *veêm* de facto qualquer coisa – não há assim tanta ironia no uso da palavra “Paradise” no título do filme). Jarmusch, como que salientando a importância das características plásticas do filme, compõe o seu filme numa série de “quadros” – planos longos, fixos ou com movimento, que comunicam entre si apenas “indirectamente”, por via dos fundidos a negro que sistemática e rigorosamente os delimitam. (Em **Down by Law**, a incidência plástica não perde fôlego, mas Jarmusch vê-se livre desse processo).

E como **Down by Law**, também, **Stranger than Paradise** é já um filme sobre a formação de um trio bizarro, e sobre a sua casual separação. Contada, esta última sobretudo, num tom de melancólica comédia de sucessivos equívocos – como que rimando a importância do jogo e do acaso na vida das personagens. É um prazer enorme seguir as deambulações de Willie, Eddie e Eva pela escura e esconsa Nova Iorque, pela branca e gelada Cleveland, e por uma Florida em total contratipo. Em **Stranger than Paradise**, talvez mais do que outra coisa qualquer, Jarmusch firmava-se como minucioso cineasta “paisagista”. Com a canção de Screamin Jay Hawkins (que também reencontraremos, em carne e osso, em **Mystery Train**), “I Put a Spell on You”, “lançei-te um feitiço”, a exprimir aquilo que o filme faz tanto às suas personagens como aos seus espectadores.

Luis Miguel Oliveira